



## **INDIVIDUALISMO E EDUCAÇÃO: UM EXAME A PARTIR DA PROPOSTA DE CHARLES TAYLOR**

Carlos Eduardo Zinani (UCS)

**Resumo:** O individualismo em que se encontra a sociedade contemporânea começou a se delinear ainda no Renascimento. Charles Taylor chama esse individualismo de atomismo, afirmando que cada vez menos as pessoas demonstram interesse por assuntos relativos à coletividade. A visão monadológica do ser humano é confrontada com aquela de um agente engajado em práticas sociais. Agente engajado significa aquele indivíduo devidamente inserido em uma comunidade linguística que toma decisões e age a partir dos diversos valores e normas sociais as quais constituem um pano de fundo de significados. A educação, considerando essa perspectiva, tem por escopo o desenvolvimento de um agente integrado em que as decisões tomadas e as ações realizadas sempre ocorrem na comunidade e se desenvolvem a partir de uma rede de interlocuções da qual fazem parte. A escola tem suas relações estreitadas na medida em que é considerada como uma instituição que permite a transmissão bem como a reflexão dos valores sociais.

**Palavras-chave:** Individualismo; atomismo; *self*; educação; escola.

### **Introdução**

O presente texto tem por escopo apresentar uma reflexão sobre o papel da educação na sociedade a partir do pensamento de Charles Taylor. Em uma sociedade onde impera um individualismo exacerbado, Taylor chama a atenção sobre o fato de, cada vez mais, as pessoas estarem menos interessadas em assuntos que envolvam interesses a sociedade como um todo. Esse individualismo é chamado pelo autor de atomismo e tem como consequência ações de caráter monadológico, ou seja, uma compreensão da sociedade com referência aos valores e interesses individuais. O atomismo, problemática discutida por Taylor, consiste na idéia de que a palavra está tão somente relacionada ao objeto. No entanto, a proposta desse autor gira em torno de três elementos: sujeito-objeto-pano de fundo. Assim, uma visão de mundo monadológica é aquela visão de mundo desprendida desse pano de fundo, ou seja, é ignorado todo um horizonte de significados que confere validade à experiência. Nesse sentido, a escola surge como um *locus* onde se permite o desenvolvimento e a constituição do sujeito, como alguém engajado nas praticas sociais a partir de uma compreensão da realidade compartilhada pelos demais.

## O Nascimento do Humanismo: a descoberta da individualidade

O Humanismo representa a celebração da força do homem como ser singular, diferentemente da Idade Média período em que se reconhecia apenas no coletivo. Para o Renascimento, como afirmou Leonardo Da Vinci, ser humano é o modelo do mundo. É a passagem do teocentrismo medieval, daquele indivíduo anônimo que se colocava a serviço de Deus, para o antropocentrismo: o mundo, a partir disso, “não é mais um lugar de expiação e de pena, mas a expressão da força reativa e do espírito de iniciativa do homem” (CAMBI, 1999, p. 225). Os ideais ascéticos que permeavam a cultura medieval são substituídos pela idéia de que o homem é um ser prático que exprime, por meio de sua atuação, o sentido de sua diligência.

Para a realização desse projeto, foi necessário que houvesse uma educação que possibilitasse ao sujeito o desenvolvimento de suas potencialidades frente às funções diversas na cidade. “Tal formação se realiza através de um currículo formativo baseado essencialmente na leitura dos clássicos gregos e latinos” (Id. Ib.). Os ideais formativos, a partir de então, deveriam se estruturar de acordo com uma visão de ser humano dotado de valores universais, como precisavam aqueles elaborados pelos antigos.

A Itália, devido a sua localização geográfica e seu desenvolvimento econômico, foi o local mais propício para que a cultura renascentista pudesse se desenvolver. Esse desenvolvimento econômico se deve ao fato de se haver operado uma mudança na concepção de tempo: na Idade Média, a *usura*, a cobrança de juros, era expressamente proibida, pois se estaria cobrando pelo tempo, sendo que esse era propriedade única e exclusivamente de Deus. Para os comerciantes, todavia, o tempo representava um risco. Apesar das proibições da Igreja, os comerciantes contabilizavam os juros decorrentes de suas atividades. Com essa inversão de perspectiva, o tempo se transformou em dinheiro, passando a pertencer ao próprio homem. O Renascimento, dessa forma, foi a época em que o homem se redescobriu como ser pensante e agente transformador da realidade, visto que valorização da iniciativa, da audácia, da inteligência era sempre de caráter pessoal e exclusivo do ser humano.

O que se buscava, em síntese, era “descobrir uma humanidade feita de valores universais elaborados e produzidos pela Antiguidade, A leitura dos clássicos no original permitia entrar em comunhão espiritual com os grandes da Antiguidade” (CAMBI, 1999, p. 225). Procurava-se retomar o modelo de orador da época helenístico-romana o *vir bonus, dicendi peritus*, que compreendia a multiplicidade das possibilidades e experiências humanas.

## **Individualismo e Subjetivismo: a idéia de *self* para Taylor**

A partir do humanismo renascentista, o ser humano começou a se reconhecer individualmente. Descobriu-se como um ser que pode transformar a realidade ao seu redor. É no renascimento que surge uma concepção de humanidade antropocêntrica, ou seja, o ser humano passa a ter uma posição de centralidade em relação ao mundo. Tal concepção originou-se como uma oposição ao teocentrismo medieval. Dessa forma, o ser humano passa a constituir o centro de gravidade onde giram todas as coisas.

A subjetividade, como modo individual de apreensão dos objetos, é o resultado das diversas práticas culturais do ocidente. O subjetivismo seria então uma exacerbação do exercício da subjetividade, donde emergem compreensões individuais acerca da realidade que, muitas vezes, não se harmonizavam com aquelas estabelecidas culturalmente. A partir do conceito de subjetivismo, tem-se que a felicidade e satisfação dos indivíduos são remetidos a sentimentos e satisfações individuais. Dessa forma, um bem pode não ser bom ou mesmo ocasionar um determinado grau de satisfação em indivíduos diferentes. A partir da perspectiva atomista da sociedade, considera-se que o grau de satisfação ocorre por meio do pensamento, nos sentimentos do indivíduo, não há um *locus*, um pano de fundo, onde ocorra esse pensamento a não ser na mente das pessoas.

O pensamento individual, nesse caso, ocorre sempre no domínio do significado e esse, por sua vez, encontra-se dentro das práticas sociais, inserido em um contexto que, por sua vez, é estabelecedor das condições de validade do significado. Segundo Taylor (2000), o individualismo metodológico tem a pretensão de poder ignorar o pano de fundo estabelecido pela linguagem. A partir dessa perspectiva, o homem é considerado como medida de todas as coisas. Disso resulta uma problemática envolvendo dois fatores: de um lado o atomismo *versus* perspectiva social e, de outro, a negação *versus* reconhecimento da dimensão do significado. Quando é destruída a dimensão do significado, que não existam mais eventos de significado, mas tão somente eventos puros e simples de indivíduos tomados isoladamente, ocorre o atomismo.

As práticas sociais sempre dependeram de algum tipo de engajamento entre os indivíduos. Na sociologia durkheimneana, por exemplo, esse engajamento se efetiva a partir das formas de solidariedade social. Na filosofia aristotélica, na *Ética a Nicômaco*, observa-se que o pensamento do estagirita é construído a partir de uma idéia de *polis* em que as relações entre os homens se efetivem harmoniosamente a partir do conhecimento de sua função própria.

Taylor (2005) tem por objetivo recompor alguns aspectos relativos às questões valorativas da sociedade moderna. Atribuir valores aos elementos sociais pressupõe uma intencionalidade do ser humano em razão da qual o processo se torna possível. É por meio desse processo que os bens da cultura vão sendo criados e incorporados ao *modus vivendi* da sociedade.

As experiências humanas são constituídas basicamente por atos de atribuição de valores. Por meio deles, é possível vislumbrar os verdadeiros interesses, desejos e aspirações dos diversos atores sociais com relação ao lugar que esse indivíduo ocupa na sociedade. Tal processo acontece sempre tendo como pressuposto um determinado “pano de fundo” onde as relações se estabelecem. Tal pano de fundo é todo um complexo, um horizonte de significados em que se encontram os objetos da cultura, fixados pela linguagem e aceitos pelas pessoas, servindo de parâmetro para a tomada de decisões dos diversos atores sociais. É, em última análise, a condição de inteligibilidade da experiência.

A consciência de como o ser humano age perante os outros, compartilhando o entendimento das regras sociais tacitamente aceitas, refere-se basicamente à visão que esse mesmo ser humano tem dos demais integrantes da sociedade, bem como a visão que ele tem de si mesmo. Pelo fato de se encontrar em um espaço público, uma quebra de regras poderá ocasionar vergonha como também respeito e orgulho. Nesse sentido, aqui se torna possível vislumbrar alguns elementos que vão formar a dignidade, ou seja, o sentido de o ser humano receber respeito (TAYLOR, 2005, p. 30).

O agir humano pressupõe um *self*, ou seja, é a condição básica para que ocorram as ações. É a idéia de um indivíduo engajado que atua segundo uma rede de interlocuções anteriormente existente e, ainda, dependente de uma postura acerca das idéias sobre a moral existentes na comunidade fazendo com que a sociedade seja o local de toda a atividade individual.

As ações sociais se realizam sempre no âmbito da linguagem. Segundo Taylor (2000), a linguagem é fundamental para o pensamento humano. Não somente no pensamento, mas também no sentido de todas as interações do indivíduo estarem subordinadas a uma comunidade linguística. A articulação de uma comunidade linguística pressupõe a impossibilidade de uma linguagem privada (Wittgenstein) no sentido de que as palavras designam objetos e seus significados são compartilhados pelos membros da comunidade.

O sentido do *self*, nesse caso, pode ser compreendido com relação ao engajamento do sujeito nessa comunidade linguística em que a razão consiste em “nossa capacidade de articular de modo transparente o pano de fundo de nossa vida” (TAYLOR, 2000, p. 27). O

*self*, dessa forma é tributário de diversas questões morais de referência da comunidade. Também consiste em uma pluralidade de vivências que permitem a interpretação dos fatos sociais e a atuação do sujeito no mundo. Dessa forma, o sujeito se conhece a partir da sua atuação no mundo como sujeito engajado.

A auto compreensão de uma pessoa refere-se às suas concepções do que é bom ou valioso, ou seja, da sua interação na sociedade, enquanto agente que atribui valores e produz cultura. A identidade, nesse sentido, é definida por avaliações que são inseparáveis da atuação do ser humano no mundo. Nesse caso, o “eu” é um agente lingüístico que compartilha uma gama de significados com os demais membros da comunidade. O *self* é um ser intérprete que precisa definir sua identidade e compreender sua posição no mundo. Está sempre dirigido para algum bem, mesmo que não o reconheça conscientemente, só se constituindo plenamente em relação ao universo cultural mais amplo a que pertence. O *self* se auto-interpreta e constitui sentidos para sua vida através da articulação lingüística.

Segundo esse ponto de vista, Taylor afirma que “se você vive em uma sociedade e estuda seu funcionamento, tem de levar em conta todo o tipo de coisas que não são simplesmente pessoas ou concatenações de pessoas: papéis, cargos, status, regras, leis e costumes” (TAYLOR, 2000, p. 146). A sociedade se organiza a partir de um complexo de relações entre os diversos indivíduos que a constituem e, dessa forma, levando em conta apenas aspectos individuais, poder-se-á seguir em uma direção em que o principal objeto de exame tenha suas bases desestabilizadas, pois a sociedade é muito mais do que as partes que a compõe.

Com relação ao individualismo, Taylor analisa o problema na sociedade contemporânea a partir de uma perspectiva comunitarista. Tal concepção consiste em um reexame das relações entre indivíduo e sociedade, buscando alternativas teóricas a fim de mostrar a existência de valores comunitários responsáveis pela manutenção de diversos bens culturais. Nesse sentido, o comunitarismo vê o homem como produto de uma historicidade, como ser que age e faz escolhas.<sup>1</sup>

Esse individualismo, nas sociedades contemporâneas, ganha uma nova faceta por se mostrar cada vez mais acentuado. Durkheim (1999), a partir da sociologia, apresentou um individualismo característico de sua época, ou seja, do final do século XIX e início do século XX. O século XX foi um período de grandes mudanças tecnológicas, houve o aumento da produção de bens de consumo, nele ocorreram duas guerras mundiais. Isso tudo contribuiu

---

<sup>1</sup> Sobre a filosofia comunitarista ver em: GONSALVES, G. *Comunitarismo ou liberalismo?* Disponível em: [www.bocc.ubi.pt](http://www.bocc.ubi.pt) Acessado em 10/05/2007. P. 7.

para uma radical mudança tanto no modo de como a sociedade é concebida bem como no modo de vida das pessoas. O individualismo atual enfraquece a sociedade, principalmente, no sentido de as pessoas não estarem interessadas em questões que envolvam interesses macro, que dizem respeito a todos seus membros.

A sociedade contemporânea, fruto desse processo histórico, é caracterizada então por um individualismo quase exacerbado, chamado por Taylor de atomismo. Em se tratando de Ciência Social, tem-se o atomismo filosófico que afirma que a sociedade como um todo somente pode ser compreendida a partir das partes que a compoem (TAYLOR, 2000, p.145). Se uma sociedade é composta por indivíduos, somente estes fazem escolhas e agem, assim, os eventos ocorridos são atos dos indivíduos que compoem a sociedade. Esse atomismo, segundo Taylor, é chamado também de individualismo metodológico.

Um outro aspecto que reforça o atomismo é chamado por Taylor de visão monadológica. A partir dela, o conhecimento e o pensamento se realizam apenas no interior da mente do indivíduo, ignorando aquele pano de fundo de significados. Constitui uma visão de mundo desprendida da realidade. O pensamento, dessa forma, acontece apenas dentro dos organismos individuais, e deve apresentar um conhecimento comum. Segundo Taylor, esse conhecimento “tem de ser em primeiro lugar meu conhecimento, seu conhecimento, o conhecimento da fulana e de sicrano” (Id. Ib.).

A partir de um ponto de vista monadológico, facilmente se percebe o “agente humano como primordialmente um sujeito de representações: representações em primeiro lugar, sobre o mundo exterior; e em segundo, descrições de fins desejados ou temidos” (Idem. p. 185). Nesse sentido, o “eu” em relação com o outro é definido independentemente deste. A consciência monadológica deixa de fora o outro sendo o sujeito apenas “um espaço interior, (...) uma mente ou mecanismo capaz de processar representações” (TAYLOR, 2000, p. 185).

Essa visão de mundo tem conseqüências para a sociedade, na medida em que os indivíduos compreendem a sociedade como a realização de seus interesses individuais, a partir de seu microcosmo. Isso resulta na impossibilidade de uma ordem moral mais abrangente, visto que ninguém está disposto a abrir mão de certos privilégios em prol de uma coletividade resultando um egoísmo social cada vez mais forte. Isso porque uma visão de mundo de caráter monadológica, condena o indivíduo ao isolamento não reconhecendo, dessa forma, outras concepções sobre justiça, sobre o que é bom, além das suas.

Taylor contesta essa visão de mundo monadológica, ou seja, atos de um único agente, afirmando que os diversos papéis sociais desempenhados pelos indivíduos, devem ser compreendidos a partir da dimensão do significado, ou seja, através de um “pano de fundo”

de significados, de regras. Dessa maneira, para a compreensão de qualquer fato social, deve-se sempre partir da existência de um contexto espaço-temporal onde o fato ocorre. Ou seja, deve-se levar em consideração a historicidade do fato a partir das condições em que ocorre.

Dar-se conta da existência de um pano de fundo, permite “articular os modos pelos quais nossa força de ação é não-monadológica, uma forma em que a sede de certas práticas e compreensões é precisamente não o indivíduo, mas um dos espaços comuns intermediários” (Id. Ib). Esse pano de fundo constitui, de certa forma, uma possibilidade de abertura à compreensão da historicidade dos fatos sociais. O subjetivismo, consequência da visão de mundo monadológica, cai por terra quando se admite a existência desse pano de fundo de significados anterior existência dos sujeitos. Isso faz com que o sujeito tenha uma “imersão linguística” na realidade, na medida em que partilha das diversas concepções acerca dos bens culturais, também como um produtor da cultura a partir de atos de valoração e escolha consciente.

### **A Educação a partir da Idéia de *Self***

Vive-se na linguagem, no domínio do significado, das expressões, e isso, por sua vez, só tem razão de ser quando inserido em uma comunidade linguística. O ser humano age segundo o que considera importante e cujo valor é reconhecido. A educação, em um primeiro momento, poderia ser pensada como aquela atividade que possui o objetivo de inserção do ser humano no mundo da linguagem, inserção em uma comunidade linguística por meio da transmissão de valores. Isso abrangeria todos os domínios da vida do ser humano desde o nascimento. Para o ser humano, quando concebido como um *self* que toma decisões e age, cada ação “pressupõe um pano de fundo de regras ou, no caso da linguagem, condições de possível validade” (TAYLOR, 2000, p. 148). Aqui o homem está inserido em uma dimensão normativa, ou seja, no interior da sociedade, os seres humanos se organizam, e, dessas diversas formas de organização, surgem um número considerável de normas de conduta – tácitas e/ou escritas. E é somente a partir da articulação dessas normas com o pano de fundo de significados que se podem estabelecer as condições de validade de tais normas. Assim, segundo Taylor, “uma linguagem é criada e mantida nos intercâmbios contínuos que ocorrem em certa comunidade linguística. Esta última é o seu *locus*; e é isso que em última análise descarta a existência do individualismo metodológico” (Idem. p. 150).

Dessa forma, percebe-se que um *self* existe apenas enquanto inserido em uma rede de interlocutores, constituindo, o que Taylor chama de “redes de interlocução” (2005, p. 54).

Através desse ponto de vista, pode-se vislumbrar a escola como um lugar onde essas interlocuções são desenvolvidas e possibilitam às crianças o conhecimento e a transmissão dos diversos bens culturais.

Imersão na linguagem significa que, quando uma palavra é usada, deve designar o objeto e suas propriedades. Inserir a criança no domínio linguístico significa a possibilidade de ela atuar na dimensão semântica. Isso torna possível o intercâmbio de idéias, crenças, valores, entre interlocutores. Para Taylor, “o *locus* primeiro e inescapável da linguagem é o intercâmbio entre interlocutores. A linguagem envolve certos tipos de vínculos com o outro. Envolve em particular o vínculo de ser o parceiro de conversação de alguém, um interlocutor” (TAYLOR, 2000, p. 124). O diálogo entre participantes é uma ação comum. Para esse autor se porventura considerarmos um diálogo sobre o tempo,

uma conversação tem o estatuto de uma ação comum. [...] A conversação transforma o tempo num assunto que estamos considerando juntos. A consideração é comum no sentido de que a compreensão de pano de fundo foi estabelecida e a de que o agente que faz a consideração somos nós dois juntos e não cada um de nós num esforço para coordenar nossa ação com o outro (TAYLOR, 2000, p. 124.).

Essa consideração de um objeto em comum em uma conversação, ou seja, compreendida a dimensão semântica, e o diálogo sendo uma ação comum, fica evidente o reconhecimento do outro no domínio linguístico. Como a linguagem não existe fora da comunidade, a busca pela identidade se realiza mediante o contato com o outro. A escola, segundo essa perspectiva, consiste em um lugar onde esse contato com o outro se efetiva de forma mais ou menos disciplinada e, com isso, possibilita que se estabeleça uma série de relações entre os indivíduos e não somente um lugar onde o indivíduo assume uma postura meramente passiva. Passiva no sentido de adquirir e reproduzir os “ensinamentos”, copiar conteúdos. A inserção do aluno na dimensão semântica, permite a ele uma maior compreensão do pano de fundo de significados em que se encontra, ou seja, é sua inserção na comunidade. Através dessa compreensão, pode-se afirmar que as relações entre escola e comunidade se mostram a partir de uma determinada visão acerca da sociedade que, por sua vez, é compartilhada pela escola.

Esse reconhecimento do outro, no domínio linguístico, faz com que as configurações valorativas não se localizem estritamente no plano da consciência individual. A dimensão semântica, nesse caso, vem a ser um espaço onde o indivíduo é levado a compreender o significado das diversas noções compartilhadas pela sociedade. São idéias sobre justiça, amor,

amizade,<sup>2</sup> que configuram e tornam possível esse intercâmbio de idéias, que estabelecem a estrutura básica da forma como o ser humano age na sociedade. O papel da escola, nesse sentido, é justamente de ser um espaço público em que o aluno adquire consciência da importância das diversas formas da experiência humana, na medida em que passa a operar na dimensão semântica, ou seja, consegue articular os significados com sua experiência situando-os de forma adequada<sup>3</sup>.

Para Taylor, a sociedade contemporânea é fruto de um processo histórico caracterizado pelo desenvolvimento de um individualismo que hoje pode ser considerado prejudicial às relações sociais. Em se tratando de Ciência Social, tem-se o atomismo filosófico que afirma que a sociedade como um todo somente pode ser compreendida a partir das partes que a compõe (TAYLOR, 2000, p. 145). Se uma sociedade é composta por indivíduos, somente estes fazem escolhas e agem, assim, os eventos ocorridos são atos dos indivíduos que compõe a sociedade. Aqui, esse atomismo, segundo Taylor, é o chamado individualismo metodológico, ou seja, o indivíduo é tomado como unidade básica de compreensão da realidade havendo assim tantas concepções acerca da sociedade quantos forem seus membros.

## Conclusão

Uma educação que permita o desenvolvimento de um *self*, ou seja, de um agente integrado deve ter em conta que as ações humanas são consideradas na esfera da comunidade. O ser humano não existe sozinho, isolado. Sua vida, seu devir se realiza em comunidade, ou seja, se desenvolve a partir de uma rede de relações da qual faz parte. Em se tratando da relação escola/sociedade, é apenas em relação a um universo cultural e social dos significados que o desenvolvimento do *self* torna-se possível. O objetivo da educação, em sentido mais amplo, seria assim o engajamento dos sujeitos nas práticas sociais, na comunidade fazendo com que, a partir disso, o individualismo seja enfraquecido abrindo espaço para o reconhecimento, ou seja, a aceitação legítima do outro seu significado dentro da comunidade de interlocutores.

---

<sup>2</sup> Ver mais em: GUALDA, Diego de Lima. Individualismo Holista: uma articulação crítica do pensamento político de Charles Taylor. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8131/tde-05022010-095325/pt-br.php> Acessado em 11.05.2011

<sup>3</sup> Considerações relevantes encontram-se na p. 53 do texto acima referido.

As relações entre escola e sociedade se estreitam na medida em que a educação, entendida como um processo de transmissão não somente de conhecimentos mas também de reflexão sobre os valores sociais. As relações entre o “eu” e o “outro”, as questões referentes à identidade, ou seja, esse pano de fundo, possibilita a compreensão da experiência pois ele “advém com o agente engajado” (TAYLOR, 2000, p. 82). Pois, conhecendo o contexto no qual está inserido, o ser humano terá condições de pensar a realidade de forma que suas tomadas de decisões estejam orientadas para o reconhecimento do outro, respeitando as diferenças, como condição para a formação da própria identidade. Como a identidade pressupõe a diferença, a escola deve ser o lugar onde se oferecem ao aluno as condições para reflexão sobre valores morais, um local, dentre outros, que possibilite o desenvolvimento de sua identidade. A identidade é constituída pela linguagem, e é através dela que se atribuem valores às coisas e se decide pelos bens que vão orientar as condutas bem como articular o fundamento decisões.

## **Referências**

DURKHEIM, Emile. *Da divisão do trabalho social*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

CAMBI, F. *História da pedagogia*. São Paulo: Fundação Ed. da UNESP, 1999.

GONSALVES, G. *Comunitarismo ou liberalismo?* Disponível em: [www.bocc.ubi.pt](http://www.bocc.ubi.pt) Acessado em 10/05/2010.

GUALDA, Diego de Lima. *Individualismo holista: uma articulação crítica do pensamento político de Charles Taylor*. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8131/tde-05022010-095325/pt-br.php> Acessado em 11.05.2011

TAYLOR, C. *Argumentos filosóficos*. São Paulo: Loyola, 2000.

\_\_\_\_\_. *As fontes do self: a construção da identidade moderna*. São Paulo: Loyola, 2005.